

## O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O CASO DA ESCOLA ZÉ PEÃO

José Ramos Barbosa da Silva

*Universidade Federal da Paraíba.* [barbossa2@hotmail.com](mailto:barbossa2@hotmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho nasceu do projeto “A produção de materiais pedagógicos e identificação dos conteúdos e da metodologia de ação dos projetos de apoio pedagógico da ação alfabetizadora do Programa Escola Zé Peão”. Ação desenvolvida no Programa de Bolsas de Extensão – PROBEX, Edição 2017, com o objetivo de produzir materiais pedagógicos que auxiliasse ao trabalho de alfabetização realizado por universitários da Universidade Federal da Paraíba que atuam como alfabetizadores de operários da construção civil. Empreitada que também buscou mapear a metodologia e os assuntos tratados pelos projetos que atuam com assuntos transversais na Escola Zé Peão: Varanda Vídeo; Biblioteca Volante; Artes; Palma; Nutrição e Saúde. Utilizamos a pesquisa participante para a obtenção dos dados. Fizemos tudo em processo de diálogo e interação entre licenciandos-alfabetizadores, professores da UFPB que atuam nos projetos transversais, coordenação do PEZP e bolsistas PROBEX, sem que houvesse distancias entre pesquisadores e o grupo examinado. Os objetivos e a ação proposta interessavam a todos. Desse mergulho no mundo da Educação de Jovens e Adultos, apreendemos que a alfabetização de jovens e adultos se processa mediada por processos de conversação e seu conceito não se restringe ao ato de codificar e decodificar mensagens e se endereça ao uso consciente da escrita em atividades sociais, implicando em domínios da informática e maior noção sobre o funcionamento do mundo. Resultados obtidos da variedade de assuntos tratados pelos projetos que discutem assuntos transversais na Escola Zé Peão e do uso de metodologias ativas no processo da alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, Programa Escola Zé Peão.

### **Introdução**

A Escola Zé Peão, em 2018, completa 27 anos de existência. Nasceu como projeto de extensão do Departamento de Metodologia da Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, em resposta a uma solicitação da direção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção Civil e do Mobiliário de João Pessoa - PB (SINTRICOM) que buscava a alfabetização de centenas de operários da construção civil que, em sua maioria, são de cidades do interior da Paraíba e trabalham na construção dos edifícios da cidade de João Pessoa e, nas lutas sindicais, não conseguiam ler os panfletos do sindicato.

De projeto, a iniciativa foi transformada num programa, resultado multicêntrico que reúne a contribuição de professores do Centro de Educação, do Centro de Ciências da Saúde, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza e do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Cada Centro desenvolve projetos específicos que complementam a ação fundamental voltada para a alfabetização, desenvolvida em dois níveis: APL - Alfabetização na Primeira Laje, para quem não lê e nem escreve; TST – Tijolo Sobre Tijolo, para quem já lê ou escreve alguma coisa, mas ainda não se sente alfabetizado. Cada projeto desenvolvido pelos

Centros cumpre uma função específica. O Biblioteca Volante (CCSA) estimula aos operários a gostar de ler obras de vários gêneros literários. O Varanda Vídeo (CCHLA), através de filmes, demonstra e debate mundos conhecidos e desconhecidos que de dentro de casa não se pode ver nem compreender. O Educação Nutricional e Saúde (CCS) discute a importância da saúde e da nutrição, motivando aos operários da construção civil a zelar pelas suas. O Ação Cultural (CCHLA) leva os operários ao cinema, ao teatro, aos parques da cidade, aos museus, a mostra de artes de um modo geral. O Palmas (CE) introduz os operários da construção civil no mundo da informática e utiliza-se do telefone celular e do *tablet* como instrumentos complementares às aulas de alfabetização. Assim apresentado, como entender a ação da Escola Zé Peão e resumi-la à alfabetização, se esta estiver conformada na definição “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” (SOARES, 2003, p. 15)?

Pela vastidão dos assuntos versados e pela orientação da aprendizagem favorecida por estratégias metodológicas diversas, como enquadrar a Escola Zé Peão nas tendências metodológicas de ensino difundidas no Brasil, mesmo quando adotada a definição de alfabetização de adultos difundida pela UNESCO?

Para a UNESCO (CONFINTEA, 1999, p. 23), a alfabetização é

(...) concebida como conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação em sentido amplo, é um direito fundamental. Em toda sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades.

Para Soares (2016), a depender da faceta de alfabetização vivenciada, há uma tricotomia de métodos. A primeira, denominada de linguística da língua escrita, designada por ela de alfabetização. A segunda, a faceta interativa da língua escrita, como veículo de interação entre pessoas, de expressão e compreensão de mensagens. E a terceira, a sociocultural da língua escrita, como uso da escrita em contextos sociais, compreendida como letramento. Cada faceta com objetos de conhecimentos diferentes. Para a faceta linguística, a apropriação do sistema alfabético-ortográfico; para a faceta interativa, as habilidades de compreensão e produção de textos; para a faceta sociocultural os eventos culturais e sociais que envolvem a escrita. Se for assim, em quais desses enquadramentos conceituais de alfabetização se posiciona a experiência da Escola Zé Peão?

Nos meios acadêmicos a alfabetização é compreendida como processo de escolarização que leva o indivíduo à aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e práticas de linguagem, mesmo quando se trata da Educação de Jovens e Adultos. Mas, como misturar a esse processo objetivo de aprendizagens outros assuntos, sem que se perca o foco da alfabetização e sem torna-lo uma colcha

de retalhos? Ainda mais quando esses assuntos são vindos de Centros que não cultivam a prática de discutir a Educação de Jovens e Adultos e não têm a alfabetização de adultos como eixo principal de preocupação?

Essas questões, trazidas assim, aleatoriamente, confundem a quem olha de fora o Programa Escola Zé Peão. Elas são, também, uma preocupação para quem está vivenciando de dentro a experiência. Por isso serviram de inspiração para o estudo que aqui propomos. Decidimo-nos saber: Quais conteúdos fazem parte da alfabetização do Programa Escola Zé Peão? De que maneira esses conteúdos se estabelecem? Sob quais metodologias? Apoiados em que suportes didáticos? E, por fim: qual o conceito de alfabetização praticado pela Escola Zé Peão?

Acreditamos que os resultados desse estudo ajudarão aos envolvidos com a experiência a melhor se locomover em meio à ambiguidade proporcionada por um trabalho feito por várias mãos, sem perder a magnitude de trabalhos interdisciplinares em torno de um único propósito: alfabetizar jovens e adultos trabalhadores.

## **Metodologia**

Segundo Ireland (In: IRELAND; SILVA; ARAÚJO, 2017), em seu início, a Escola Zé Peão foi sendo operacionalizada por três programas: “Alfabetização na Primeira Laje”, dedicado à alfabetização inicial dos operários; “Tijolo Sobre Tijolo”, que cuidava da pós-alfabetização, com aprofundamento nas áreas de linguagem e matemática; e “Varanda Vídeo”, que discutia temas de cultura geral, a partir de mostras de vídeos em sala de aula.

Porém, pouco a pouco, novos assuntos foram trazidos para a Escola Zé Peão, por projetos específicos, lançados por professores de diversos Centros da UFPB. Cada projeto com uma metodologia própria. Com variação de ano a ano, a depender da disposição de professores proveniente dos diversos Centros da UFPB de concorrerem aos processos seletivos para a submissão de projetos de extensão no Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX). Cada projeto ligava-se aos interesses da Escola Zé Peão, mas não deixava de ter ligação aos temas e pesquisas desenvolvidos nos Centros da UFPB, dispostos a contribuir com a Escola.

Essas parcerias traziam complexidade metodológica e intersubjetividade, indo além do complemento de informações, com cuidados que rondavam a cada palavra professada ou assumida nessa interdisciplinaridade. Uma ambiguidade presente a cada contribuição, ao lado das dificuldades dos licenciandos que sem experiências se tornavam os alfabetizadores dessa experiência de alfabetização. Uma escola criada para atender interesses de um sindicato de

trabalhadores, interessado em capacitar operários à leitura e à escrita, mas também de formar militantes. Situação de propósitos complexos, que assentam os objetivos, os conteúdos e a metodologia de uma alfabetização, que envolve a didática da alfabetização, e é radical porque politiza a noção de alfabetização, seguindo a explicação cunhada por Giroux (In: FREIRE; MACEDO, 2011, p. 33-77).

Ocorrência que, em seu conjunto, nunca foi analisada pelos que estudaram e escreveram sobre essa escola, nem mesmo na publicação que comemora os 25 anos de existência da Escola Zé Peão, organizada por Ireland; Silva; Araújo (2017). Sob a ótica aqui apontada, também não há dissertações de mestrado ou teses de doutorado nem artigos realizados. De modo geral, as publicações sobre a Escola Zé Peão se vinculam a um ou a outro aspecto dessa escola. Nenhum deles se dedicou a essa vastidão combinada de assuntos e de metodologias dentro de um mesmo espaço de alfabetização de jovens e adultos.

Decididos a compreender como essa equação vem sendo vivenciada, e como ela se faz a existência da própria Escola Zé Peão, deliberamo-nos a estudá-la, através do projeto “A produção de materiais pedagógicos e identificação dos conteúdos e da metodologia de ação dos projetos de apoio pedagógico da ação alfabetizadora do Programa Escola Zé Peão”, desenvolvido pelo PROBEX-UFPB, Edição 2017. Para tal, optamos pela pesquisa participante, como a descreve Richardson (2003, p.177):

Em geral, a pesquisa participante surgiu como uma alternativa de pesquisa orientada a solucionar problemas imediatos e locais com a participação plena dos autores sociais.

O pesquisador passou a ser um “animador” responsável da análise crítica e construção da realidade.

Ainda aqui aproveitamos para distinguir a pesquisa participante da pesquisa-ação, seguindo as orientações de Thiollent (1988, p.7):

As expressões “pesquisa participante” e “pesquisa-ação” são frequentemente dadas como sinônimas. A nosso ver, não o são, porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante.

Pela pesquisa participante não há distância entre o pesquisador e o grupo que vai ser examinado, propõe-se a interação. Pesquisa que se valerá da consulta a fontes de documentos, com observações assistemáticas e sistemáticas, com entrevistas preparadas ou livres, desde que, em nosso caso, ao final, haja materiais suficientes para uma síntese de achados em torno da

identificação dos conteúdos e da metodologia de ação dos projetos que apoiam o Programa Escola Zé Peão, sintetizada numa definição da alfabetização seguida por esta escola.

Um trabalho que foi antecedido por estudos exploratórios, antes mesmo do trabalho de campo, tendo como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, tal qual descrito por Gil (1999, p.43).

Investida que não se contenta com a mera compreensão do assunto, se não estaríamos vinculados à velha pesquisa tradicional. Ousamos além. Queremos nos comprometer com a Escola Zé Peão, porque somos parte dela. Estudamos a alfabetização de adultos e seus corredores, intercalados de quadros de várias cores, sujeitos e paisagens, mas sem perder o foco do que queremos. Porque queremos acertar mais e mais nesse caminho, caracterizando-nos como autênticos pesquisadores participantes.

## **Resultados e Discussão**

Para compreender os caminhos e a razão porque a Escola Zé Peão se fez diferente nos seus conteúdos e na condução de sua metodologia, resolvemos recuperar a história da experiência, indo ao seu início. Visando atingir este propósito, apesar da contribuição trazida pelo texto “Prêmio Educação para a qualidade do trabalho” (1998), que traz parte da história escrita deste programa, optamos destacar as falas contidas no documentário “Meu nome é Escola Zé Peão” (2016), dando ênfase aos depoimentos de Timothy Ireland, professor fundador da Escola Zé Peão; de Paulo Marcelo, ex-presidente do Sindicato de Trabalhadores da Construção Civil (SINTRICOM); e de Zezinha Moura, coordenadora Pedagógica da Escola Zé Peão. Essas falas indicam que era grande o desafio para a Universidade assumir a condução de uma escola de alfabetização de jovens e adultos, encomendada por um sindicato de trabalhadores que gostaria que seus sócios fossem capazes de ler e compreender os panfletos distribuídos pelo sindicato e de se engajar na luta, e viver num mundo onde a leitura e a escrita passam a regular a vida das pessoas. Encomenda que, em nossa interpretação, transformava a alfabetização numa militância ou na proposta radical de alfabetização, anunciada por Giroux (In: FREIRE; MACEDO, 2011, p. 33-77).

Na Escola Zé Peão, já em seus primeiros anos, havia o projeto Varanda Vídeo, que por meio da linguagem cinematográfica revelava outros mundos, ou trazia outros pontos de vista sobre o mundo que pode ser visto da varanda, como forma de se sair dos raciocínios domésticos e visualizar outras práticas humanas, provocando imaginação, indignação ou encantamento, como um momento

de lazer reflexivo sobre a vida, como um espaço para mais questionamentos do que respostas, sendo este o primeiro programa de apoio às ações de alfabetização do Programa Zé Peão. O VV trazia informações que se misturavam às aulas, porque depois eram transformadas em textos escritos, conduzidos pela cabeça dos alfabetizandos.

Aos olhos dos professores universitários que dão ou deram assistência à Escola Zé Peão, ela é uma continuação do modo de olhar freireano, feito do olhar e olhar novamente, para a teoria e para a prática, buscando ver a dialética existente entre elas. Uma tentativa de olhar novamente para nossa percepção de perceber e interpretar nossas interpretações. Como forma de ampliar visões sobre o mundo e sobre nós no mundo, o VV foi o primeiro programa de apoio às ações da alfabetização, além do APL e do TST. Mas, aos poucos, novos projetos foram anexados ao Programa Zé Peão, com o propósito de desenvolver nos operários conhecimentos e novos hábitos ligados às artes, saúde, segurança, informática, dando à alfabetização de jovens e adultos um novo currículo e, também, uma dimensão metodológica nova, não comum entre os projetos existentes nas redondezas da cidade de João Pessoa (PB).

Segundo a professora Ireland (In: IRELAND; SILVA; ARAÚJO, 2017), a discussão metodológica sempre acompanhou a Escola Zé Peão, desde o tempo em que a equipe responsável pela coordenação dessa experiência começou a se reunir para elaboração da primeira proposta. A decisão acerca da escolha do método que seria utilizado na alfabetização era apenas um dos itens, dentre muitos outros. À época, viu-se que os métodos em sua definição nominal indicam “modelos ideais”, mesmo quando classificados em sintético, analítico, global, fonético, alfabético, silabação, palavrção, frases, conto, etc. A escolha de qualquer um deles não resolveria a questão da alfabetização em sala de aula. Pois os métodos não são excludentes entre si, apenas incorporam em ordens diferentes os focos, ora a letra, ou a palavra, a frase, o conto, seguindo a lógicas particularizadas, de acordo com os fundamentos que caracterizam a opção metodológica anunciada. Sendo assim, decidiu-se não ter um método estabelecido para a Escola Zé Peão. Viver-se-ia um processo contínuo de tomadas de decisões, que seria orientado por alguns princípios, o da contextualização, o da significação operatória, e o da especificidade escolar.

O princípio da contextualização se encarrega de trazer para o espaço da alfabetização o contexto no qual a experiência se realiza, feito de trabalhadores da construção civil, dentro do seu ambiente de trabalho, a maioria deles vindos do campo para trabalhar na edificação da cidade. Também toma parte deste princípio às lutas do Sindicato, bem como a presença do Sindicato na coordenação da Escola Zé Peão. E ainda, as discussões, de um modo geral, sobre educação e sobre

alfabetização, presentes na Universidade, principalmente no Centro de Educação, de onde são gerados os eixos condutores desta experiência escolar.

Sobre o princípio da operação significativa, busca-se coerência entre o teoricamente acreditado e o feito. De forma que serão frequentes perguntas: Por que estou fazendo isso? O que me leva a fazê-lo? O que desejo e o que é possível? Um encontro entre a teoria e prática, uma questionando a outra, como articulação diária e reflexiva, uma permanente “ciência da alfabetização”, em circularidades, numa inquietude que rompe as posturas mecanicistas.

Porém o maior de todos os princípios é da especificidade escolar. Este, em conjunto com os outros, é o que busca desenvolver nos operários a habilidade de aprender a ler/escrever textos, trazendo-os do mundo exclusivo da oralidade para, também, o mundo da *lecto-escrita*, tendo-se o processo da alfabetização como seu núcleo organizativo. Isso, numa explicação de Silva (In: IRELAND; SILVA; ARAÚJO, 2017, p.104), “Nem escola sindical, nem escola política, mas uma escola que trabalha com os saberes escolares (linguagem, matemática, estudos da sociedade e da natureza)”.

Esses princípios foram pensados para entrarem de forma conjunta, como dimensões organizadoras de uma mesma e única prática, na alfabetização de alunos trabalhadores. Produto de muitas conversas, visando escolarizar operários da construção civil, de um projeto que quer o crescimento individual de cada sócio e a participação desses nas lutas coletivas da categoria. Em outras palavras: “Como domínio de habilidades específicas e de formas particulares de conhecimento, a alfabetização devia tornar-se uma pré-condição da emancipação social e cultural” (Giroux apud Freire; Macedo, 2011, p.34).

É neste contexto e com esse propósito que vários outros projetos de intervenção educativa passaram a compor a dinâmica do Programa Escola Zé Peão. Cada proposta, garantindo sua especificidade, era convidada a beber nos três princípios, acima referidos, norteadores da experiência e a tomar parte nas reuniões de planejamento que, semana a semana, decidem o que deve ser feito durante as aulas. Cada assunto tratado pelos projetos deveria se articular com os assuntos das aulas e ter um significado útil aos operários. Tudo decidido em grupo, a partir de diálogos especulativos, como reflexão criteriosa e criativa, dando nexos entre os assuntos diversos de contribuições específicas dos projetos, como ampliação de conhecimentos, e os específicos da alfabetização. Assim, por mais diversos os projetos existentes: Varanda Vídeo; Biblioteca Volante; Oficina da Arte; Programa de Atividades Culturais, tudo se articulava, a partir das costuras feitas nas reuniões das sextas feiras. Momento de se avaliar, à luz do que se queria, a semana que acabou

de passar e de se planejar a semana vindoura, observando as ações que deram certo e as que não foram satisfatórias, e seus respectivos porquês. As aulas acontecem nos canteiros de obras, das segundas às quintas-feiras, das 19 às 21 horas. E as reuniões de planejamento da Coordenação Geral e das Coordenações Específicas com todos os professores do canteiro ocorrem na sexta-feira, das 17 às 21 horas, realizadas em salas da Universidade ou na Sede do SINTRICOM.

Mas, nem sempre a organização e a clareza de propósitos são quem decidem a qualidade e os rumos dos projetos. O financiamento das atividades é fator preponderante. A existência da Escola Zé Peão sempre sofreu de recursos escassos. De início, a ideia contou com a ajuda financeira do PNAC/FNDE/MEC e por convênios estabelecidos com a OXFAM. Época em que vários projetos de apoio pedagógico se anexaram aos programas que são básicos da Escola Zé Peão, o APL e o TST. Depois, pelos rumos da política de financiamento nacional para a educação e pelos obstáculos de se manter convênios internacionais, a Escola Zé Peão teve dificuldades de manter seus programas de apoio e até de se firmar enquanto extensão universitária, e sobreviveu graças aos recursos do SINTRICOM. Com as dificuldades financeiras, vários projetos de apoio pedagógico deixaram de existir, ou se misturaram às atividades do APL e do TST, conduzidas pelos alfabetizadores-licenciandos, sem que estes tenham formação especializada para tal trato. De modo que a composição pedagógica da Escola Zé Peão foi sendo alterada, ano a ano.

Em 2017, quando pusemos em prática nosso projeto de localizar o conteúdo e a metodologia dos projetos destinados a ampliar os assuntos tratados pela Escola Zé Peão, além do APL e do TST, encontramos funcionando apenas dois deles, o nosso, que tinha uma bolsista e o propósito de sistematizar as contribuições curriculares e o percurso metodológico vivido pelos diversos projetos que compõem a Escola Zé Peão; e o Palma, projeto acompanhado por duas bolsistas, que instrui os operários da construção civil nos mundos da informática, levando-os a se desenvolverem no universo da tecnologia digital.

Sabendo-se de que o Palma cuidava de inserir os operários na cultura digital, restava-nos saber sob qual metodologia este projeto trabalhava. As três oficinas, realizadas em cada canteiro, com operários aperando por si celulares e *tablets*, evidencia que o caminho metodológico percorrido é o da metodologia ativa, onde se aprende a caminhar caminhando, a andar andando, a mexer em tecnologias fazendo usos delas. O Palma, apesar de se sentir um projeto complementar para aulas de alfabetização, despertou muito interesse nos educandos, que se sentiam maravilhados com o uso da internet. Experiência que levou alguns a reclamarem da pouca chance que lhes é dada para conhecer



o mundo e as revoluções tecnológicas que não param de acontecer no mundo. Reclamações que revelam que houve um salto no conhecimento e em cultura, agora mais ambiciosa.

A ausência de financiamento tem prejudicado o sucesso da Escola Zé Peão. Mesmo que este programa tenha, com bastante frequência, recebido prêmios nacionais e internacionais, conforme atesta Lindemberg Araújo, coordenador do projeto Nutrição e Saúde (In: “Meu nome é Escola Zé Peão”, 2016). Hoje, a quantidade de analfabetos na construção civil da cidade de João Pessoa diminuiu muito, demonstrando que os investimentos feitos na Escola Zé Peão deram certo. Porém há, em número bem menor, operários que ainda precisam da alfabetização, o que levou a se ter, em média, seis alunos por turma de aula, distribuídas em cinco canteiros, totalizando 30 alunos, incluindo-se os programas APL e TST, nas construções civis, durante o ano de 2017.

Para o SINTRICOM o investimento financeiro em garantir as turmas de alfabetização em empresas que cedem espaço, em um prédio que ainda está em processo de construção, passou a ser oneroso. E a Universidade, quando muito, paga uma bolsa de extensão ao licenciando que se destina aprender a ser um alfabetizador, através dos desafios vividos na Escola Zé Peão. Além da bolsa cedida aos licenciandos, não há quem pague às pedagogas, quase sempre em número de duas, que acompanham cada licenciando-alfabetizador que, quase sempre, apresentam dificuldades para o enfrentamento de questões pedagógicas de sala de aula. Despesa que é paga pelo SINTRICOM. Essas pedagogas são, de modo geral, ex-professoras, agora já formadas e, portanto, não podem receber bolsas da Universidade. Elas conhecem bem a dinâmica de funcionamento da Escola (há pedagogos, mas esses nunca assumiram a coordenação pedagógica do Programa) e compõem a coordenação pedagógica do Programa, ao lado do Coordenador Geral, que sempre é feita por um professor (mas já houve uma professora) vinculado à UFPB.

Sem os projetos de apoio, sem ter quem assuma as despesas humanas e a de materiais necessários para a manutenção da estrutura de uma escola, fica difícil manter a Escola Zé Peão. Um sonho, mas agora com sustos de pesadelos que podem tornar o presente como algo do passado e tapar o respiro, ainda existente, de uma alfabetização emancipadora, vivida por professores universitários cheios de esperança; por alunos que ainda sonham com a possibilidade de se ter um mundo melhor; por operários que trabalham e sonham ser brasileiros cidadãos e que sonham desfrutar de um direito já garantido por lei: o da educação escolar. Luta que já parece velha, por isso enfadonha, mas não pode se acabar.

## **Conclusões**

Lendo-se Paulo Freire, a ideia de uma alfabetização de jovens e adultos emancipadora desperta sonhos. Isso porque a alfabetização pode ser sovina, preocupada apenas em fornecer o instrumento necessário para leituras e escritas de pessoas submissas ao mundo do trabalho. E tão somente isso. Porque as políticas públicas que se anunciam agora, nesse obscuro começo do século XXI, reforçam a desistência do Estado de se investir em pessoas que trabalham, mas não se tornaram no padrão nosso de cada dia, ou seja, não deram certo. Vivemos o mundo do empreendedorismo, desenhado ao sabor dos patrões, com políticas de privatização, incluindo Educação e Saúde. Então, para quem levou a vida trabalhando durante a infância, juventude e agora adulto, sem tempo sequer para ir à escola, submetido a ordens e sem chances de ser patrão, para que, a esta altura da vida, saber ler?

Mas a leitura, mesmo sendo útil ao mundo produtivo, conveniência básica para um bom trabalhador seja na indústria ou em serviços que antes poderiam ser feitos por um analfabeto, também necessária para a vida imersa a mundos grafocêntricos, pode ser também ferramenta para a leitura dos panfletos distribuídos por um sindicato de trabalhadores engajados com a luta de uma categoria, e ser base para muitas outras aprendizagens. Esse discernimento foi o que levou o SINTRICOM a desejar uma escola para os operários da construção civil. Desejo que vem sendo efetivado pela UFPB, desde o ano de 1991, como programa de extensão.

Uma extensão pensada por um grupo de professores, à luz de teorias sobre educação e alfabetização, e com posicionamentos de uma equipe que decidiu não seguir a um método, mas guiar-se por três princípios básicos: o da contextualização, o da significação operatória, e o da especificidade escolar. Clareza que, ao longo dos anos, tem permitido sintonia entre as atividades diversas, proporcionadas pelo APL e TST e pelos projetos que lidam com assuntos diversos, de matrizes distintas de estudo, vindos de diversos Centros da UFPB, mas que, pela prática do diálogo, vêm ocorrendo de modo satisfatório. Mas, qual é o segredo para a inexistência de conflitos não superáveis na Escola Zé Peão, ação que é feita por várias mãos? Seria a existência dos princípios norteadores?

Nossa observação, vivida de dentro do projeto, como pesquisadores participantes, atesta que o sucesso não se deve apenas à existência desses princípios. Se só dependesse deles, a experiência, a exemplo de tantas outras experimentadas em outras instâncias de educação, seria apenas uma idealização. Houve algo mais. Nossa convivência nos fez ver que é o processo de planejamento dialógico, com a presença da coordenação geral, dos coordenadores dos projetos específicos, dos alfabetizadores e dos bolsistas ligados aos projetos específicos, feito semana a semana, o que

garante a sintonia entre as ações, sem que haja disputas de razões ou de interesse. É claro que nessas reuniões há discussões de argumentos, paralelos entre o que diz uma teoria ou outra, e o que se encontra na concretude dos sujeitos e salas de aula. Mas essa discussão, tendo como lastro a complexidade do real, é o que faz crescer a compreensão do que seja a alfabetização de jovens e adultos em situações reais de existência.

Em suma, aprendemos que não importa nem a metodologia nem os assuntos, mas o rumo apontado para as ações educativas. Esse rumo serve de referência para os assuntos e para as metodologias que serão exercitadas. E tudo deve ser mediatizado pela prática do diálogo, e por planejamentos quase diários. E mais, o financiamento também influencia no rumo e na qualidade das ações. Aprendemos que a alfabetização é uma necessidade básica para qualquer pessoa, serve como instrumento de peleja para o bem ou para o mal, e vai muito além dos conhecimentos básicos escolares. É a ampliação das possibilidades de ler/escrever a vida, perante seus desafios diários, com os instrumentos postos por cada momento. Ela é luta.

## Referências

CONFINTEA: **Declaração de Hamburgo**. Brasília: SESI/UNESCO, 1999.

Escola Zé Peão. **Prêmio educação para a qualidade do trabalho**. João Pessoa: Escola Zé Peão, 1998. Fotocopiado.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

IRELAND, Timothy Denis; SILVA, Eduardo Jorge Lopes; ARAÚJO, Lindemberg Medeiros. (2017). **Aprendendo com o trabalho: 25 anos da Escola Zé Peão**. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2017.

IRELAND, Vera Esther Jandir da Costa. “Alfabetização de adultos e seus métodos: relato de uma experiência”. In: IRELAND, Timothy Denis; SILVA, Eduardo Jorge Lopes; ARAÚJO, Lindemberg Medeiros. (2017). **Aprendendo com o trabalho: 25 anos da Escola Zé Peão**. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2017.

Meu nome é Escola Zé Peão. 2016. Vídeo documentário. Disponível in: <https://youtu.be/xxnY6sW-jg8>

RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Pesquisa-ação: princípios e métodos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes. “Os princípios norteadores da prática político-pedagógica do Projeto Escola Zé Peão”. In: IRELAND, Timothy Denis; SILVA, Eduardo Jorge Lopes; ARAÚJO, Lindemberg Medeiros. (2017). **Aprendendo com o trabalho: 25 anos da Escola Zé Peão**. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.